

UMA ANÁLISE DA MONOTONGAÇÃO DO DITONGO ‘OU’ EM DADOS DE ESCRITA DE ALUNOS DOS 6º E 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tiago Vieira de SOUZA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: Neste artigo, propõe-se uma análise preliminar do processo de monotongação do ditongo oral ‘ou’ medial e final. Assim, o intuito é discutir a possível interferência da fala na escrita por meio de processo de monotongação do ditongo [ow] ~ [o]. Para isso, faz-se necessária a revisão de literatura sobre aquisição da linguagem (CHOMSKY, 1978), (LAMPRECHT, 2011); aquisição da fala e da escrita (MIRANDA & MATZENAUER, 2010), (MIRANDA, 2014); aquisição de ditongos orais (ADAMOLI, 2006, 2010), (ADAMOLI & MIRANDA, 2009) e estrutura da sílaba (BISOL, 1996, 1999). Para uma melhor discussão dos dados, foram analisadas 75 cartas do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Com base nas cartas selecionadas e analisadas, discutiram-se, enfaticamente, as ocorrências da monotongação do ditongo [ow] ~ [o] em dados encontrados em textos de diferentes gêneros textuais (relato de experiência, conto e narrativa de ficção).

PALAVRAS-CHAVE: monotongação; oralidade e escrita; ditongos decrescentes.

INTRODUÇÃO

A ocorrência de determinados “erros” ortográficos na escrita de alunos da educação básica no período de aquisição da escrita tem impulsionado a pesquisa científica na área da sociolinguística variacionista e gerado muitos trabalhos que investigam as manifestações do conhecimento linguístico infantil (ABAURRE 1988, 1991). Nesse contexto, deve-se considerar que estão envolvidas questões de variação fonético-fonológica, de aquisição da linguagem e de aprendizagem da escrita. Assim sendo, não se ignora que o processo de aquisição da linguagem é distinto do processo de aquisição da escrita, mas se apresenta a possibilidade de ambos os processos serem vistos de forma complementar. Isso pode ser evidenciado quando a criança, no estágio de aprendizagem da escrita, tenta confrontar as regras de convenção da escrita com as regras que já possui na gramática desenvolvida no período de aquisição da linguagem (gramática de sua língua materna).

Nessa perspectiva, entende-se a aquisição da linguagem de uma forma tão natural e inata; no entanto, em contrapartida, como pensar em relação à aquisição da escrita? Como ocorre já que esta não é inata? Algumas hipóteses são levantadas neste trabalho em relação à aquisição da escrita, a saber: a) as etapas de aquisição da escrita acontecem em paralelo com as etapas da aquisição da linguagem; b) os erros ortográficos fazem parte do processo de aprendizagem da escrita, até que os alunos alcancem a escrita convencional; c) a escrita é atravessada pelas regras fonológicas subjacentes na gramática do falante; d) a escrita pode sofrer influência da oralidade.

Com base nessas hipóteses mais gerais, gerou-se o desejo de investigar sobre a representação do ditongo decrescente [ow] medial e final em textos escritos por alunos do Ensino Fundamental (6º e 9º anos). Tal investigação foi feita para colocar à prova a existência dessa relação entre os processos de aquisição da linguagem e da aquisição da escrita. Dessa forma, neste artigo, os dados de monotongação do ditongo [ow] são analisados e, nesse processo de investigação, discutiram-se algumas questões, a saber: a monotongação de [ow] é um processo recorrente somente em textos de alunos mais novos, ou, também, de alunos nos anos finais do Ensino Fundamental?; existe alguma influência da oralidade na escrita?; a posição do ditongo (medial ou final) possibilita o apagamento?; o contexto fonológico subsequente e a natureza da sílaba (átone ou tônica) são fatores que condicionam o processo da monotongação?. Neste artigo,

Uma análise da monotongação do ditongo ‘ou’ em dados de escrita de alunos dos 6º e 9º anos do ensino fundamental

tenta-se responder a essas perguntas no decorrer das seções de discussão sobre o processo de monotongação.

O presente artigo está dividido em quatro partes, a saber: introdução; revisão de literatura, que discute, de forma sucinta, (a) uma caracterização do processo de aquisição da linguagem, focalizando-se a aquisição da fonologia e da escrita com base na teoria gerativa; (b) a estrutura da sílaba no sistema do português brasileiro e (c) uma breve descrição do processo de monotongação no português brasileiro; metodologia, que comenta como foram feitas a separação e a análise dos dados de monotongação do ditongo [ow] e, por último, mas não menos importante, a seção que se destina à análise dos dados, realizada à luz do arcabouço teórico utilizado.

REVISÃO DE LITERATURA

Sendo o foco deste trabalho a análise de dados de escrita de alunos do Ensino Fundamental e uma possível relação da aquisição da escrita com o processo de aquisição da linguagem, é imprescindível que se reconheça que os fonemas e as sílabas constituem elementos basilares desses processos.

Os estudos a respeito de aquisição da linguagem buscam explicar como a criança desenvolve e se apropria da expressão verbal de forma tão natural, a partir do contato com o sistema linguístico da comunidade na qual está inserida. Dessa forma, Chomsky (1978) até reconhece que existem questões externas que influenciam o processo de aquisição da linguagem, no entanto, o autor afirma que existem princípios inatos que “determinam a forma do conhecimento adquirido dum modo [...] bastante restritivo e altamente organizado” (p. 131). Sendo assim, o autor defende a existência de uma Gramática Universal (GU) que seria uma programação biológica já existente no indivíduo. A GU, portanto, pressupõe um conjunto de regras gerais comum a todas as línguas possibilitando, assim, a aquisição da linguagem. Além disso, a GU fortalece a teoria da existência de um componente genético da faculdade da linguagem no indivíduo.

Miranda e Matzenauer (2010) reconhecem o que dizem os estudos sobre o desenvolvimento linguístico. Segundo as autoras:

apesar de toda a complexidade inerente às gramáticas, a aquisição de um sistema linguístico ocorre com grande rapidez, sem apresentar fenômenos estranhos ao funcionamento das línguas. O que ocorre, portanto, no processo de aquisição da linguagem – a não realização de segmentos, emprego de um segmento por outro, por exemplo – é considerado natural e, no mais das vezes, equivale a fatos que fazem parte das gramáticas de diferentes sistemas (p. 361).

Com base nessa afirmação, pode-se defender a visão de que a criança, em cada estágio da aquisição da linguagem, apresenta um sistema, uma gramática (LEVELT & VAN DER VIJER, 2004). Nesse contexto, a literatura da área de aquisição da linguagem tem apresentado que, para uma criança adquirir a fonologia de uma língua, a aquisição dos seguintes fatores é necessária: “(a) o inventário de segmentos; (b) os processos fonológicos; (c) as restrições sobre a estrutura silábica, a estrutura da palavra prosódica e as unidades prosódicas maiores, que definem a gramática do adulto” (MIRANDA & MATZENAUER, 2010, p. 363).

Toda língua apresenta uma fonologia composta por um inventário de segmentos capazes de distinguir significado (fonemas) e de um inventário de estruturas silábicas (sequências de segmentos). Enquanto aquele representa a possibilidade de distinção de significado, este

apresenta restrições para uma estrutura silábica previsível em cada língua. Sendo assim, esses fatores precisam ser levados em consideração no momento da aquisição da escrita.

Ao analisar dados da escrita, é possível encontrar possíveis “erros” ortográficos que funcionam como pistas para a percepção e relação do processo de aprendizagem da escrita com base na fonologia da língua. No processo de aquisição da escrita, o aluno recorre às suas experiências linguísticas e contrasta as regras e convenções da língua escrita com o que ele formou ao longo do tempo em relação ao funcionamento da fonologia da língua-alvo.

Segundo Miranda (2014),

Haverá, no processo de aquisição da escrita, a necessidade de os aprendizes perceberem que a cadeia sonora produzida e compreendida não é apenas conteúdo, mas também forma. Isso implica dizer que terão de perceber que a linguagem escrita é um modo de representação da língua, não apenas em seus aspectos significativos, mas também em seu aspecto sonoro. Assim, segmentos e sílabas, antes subsumidos no fluxo da fala, deverão ganhar contornos conceitualmente acessíveis (p. 51).

Desse modo, é importante ressaltar que “o conhecimento fonológico é atualizado tanto na produção oral como na escrita” (MIRANDA, 2014, p. 51). Assim, percebe-se que a aquisição da escrita é algo mais sistemático e que, por isso, demanda que o aprendiz reflita na estrutura formal da língua.

Nesse contexto de análise mais estrutural da língua, o aluno terá acesso à estrutura silábica da língua portuguesa. A sílaba pode ser descrita como uma unidade que apresenta dois constituintes básicos: o ataque (ou onset) e a rima (composta por núcleo e coda), como pode ser visto em (1). Com base nessa estrutura, o ataque não é obrigatório e pode ser ramificado; em relação à rima, o núcleo é sempre uma vogal no português e a coda não é obrigatória de ser preenchida.

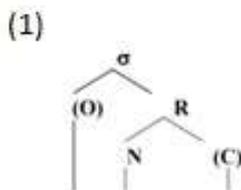


Figura 1: estrutura silábica do português brasileiro

Depois de entender, mesmo que de forma sucinta, a estrutura da sílaba, é importante entender como se dá a representação do ditongo decrescente, foco deste trabalho, na estrutura silábica do português brasileiro. Nesse contexto, ao analisar ditongos decrescentes na estrutura silábica, vê-se que esses estão situados na rima, tendo a vogal como núcleo e o glide como coda, como se pode ver na imagem (2).

Uma análise da monotongação do ditongo 'ou' em dados de escrita de alunos dos 6º e 9º anos do ensino fundamental

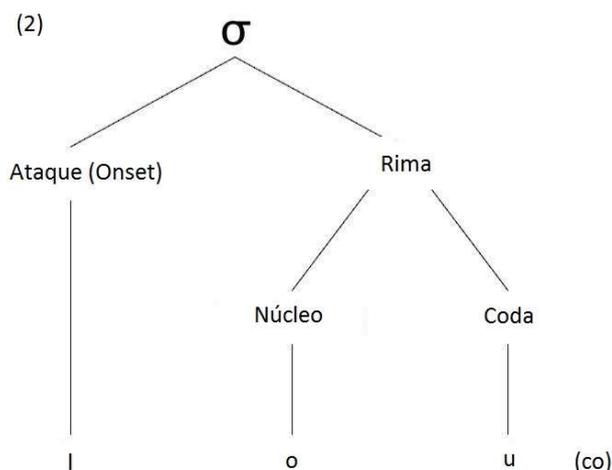


Figura 2: representação do ditongo decrescente [ow] na estrutura silábica do português brasileiro

Em relação ao ditongo e ao preenchimento do glide na coda, Bisol (1999, p. 723) afirma:

O ditongo poderia ser analisado como um núcleo ramificado. Duas evidências, porém, sustentam o postulado da rima ramificada: a) o português não possui, no seu sistema fonológico, vogais longas, que, com a forma de oo, ee, aa, etc. estariam repetindo uma posição de núcleo; b) o português não possui rima constituída de sequência VGL (vogal glide, líquida): ao contrário, o glide ocupa a mesma posição estrutural da líquida na coda. Por conseguinte, o ditongo lexical é definido como sequências de duas vogais, das quais a de maior sonoridade é escolhida por PSS1 como núcleo e a outra inserida na coda, reservada a qualquer soante, traço que a vogal possui. É nesse caso que se converte em glide.

Ao tratar dos ditongos orais decrescentes (vogal+glide), Mattoso Câmara Jr. (1977) defende a existência de 11 ditongos orais decrescentes, como se pode ver em (3). Desses, apenas os ditongos [aj], [ej] e [ow] podem sofrer apagamento das semivogais em posição de coda.

- (3)
- | | | | |
|----------------|-----------------|------------|------------|
| /aj/ - vai | /baixa | /uj/ - fui | /ew/ - meu |
| /aw/ - cauda | /oj/ - biscoito | /ɔj/ - dói | |
| /ow/ - louca | /ej/ - leite | /feixe | /ew/ - réu |
| /ei/ - pastéis | /iw/ - caiu | | |

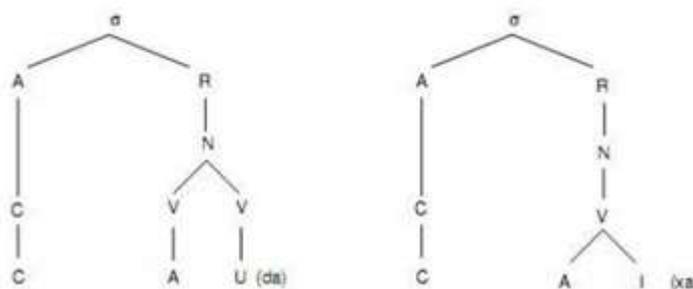
Figura 3: representação dos 11 ditongos orais decrescentes existente no PB.

Ainda em relação aos ditongos, Bisol (1989) descreve a existência de dois tipos na língua portuguesa, a saber: o ditongo leve e o ditongo pesado; em outras palavras, o verdadeiro - /'leite/

- e o falso - /'bajfa/ -, respectivamente. Quando a autora retrata dos ditongos verdadeiros, ela assim os chama, pois eles estabelecem distinção de significados em pares mínimos como /kada/ e /kauda/; diferentemente, os ditongos falsos não são contrastivos em relação ao significado, como se vê em /kafa/ e /caifa/.

Como pode ser visto na figura (4), retirada do texto de Adamoli (2006), Bisol (1989) explica que, na estrutura do ditongo verdadeiro, a rima da vogal é composto por dois *tiers* de vogal na estrutura subjacente, constituindo, assim, uma sílaba complexa. Já a estrutura do ditongo falso é composta por uma rima simples. Nesse último caso, segundo Bisol (1989, p. 133), “a pressuposição de que provêm de uma estrutura subjacente de uma vogal só [...] tem o suporte na teoria fonológica: o glide se forma por espriamento dos traços vocálicos palatal, uma consoante complexa”.

(4) Representação do ditongo fonológico e do ditongo fonético



Fonte: Adamoli (2006)

Com base na discussão feita até aqui, pode-se, pois, aprofundar a discussão sobre o processo de monotongação, que é entendido como a redução do ditongo em que um glide, considerado de menor intensidade, é reduzido e, por isso, passa-se a ter uma vogal simples, como por exemplo r[ow]bo que passa a r[o]bo.

Para Câmara Jr. (1978, p.170), “chama-se monotongo à vogal simples resultante desse processo, principalmente quando a ortografia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza em uma linguagem mais cuidadosa”.

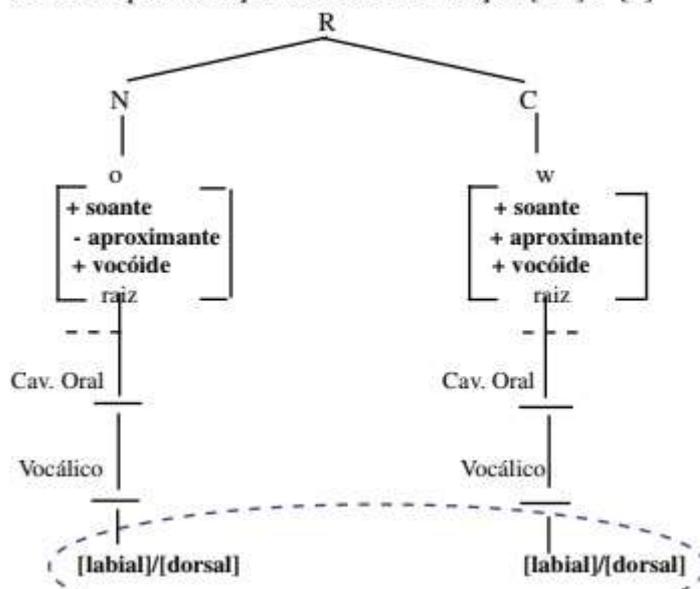
Muitos são os estudos sobre monotongação que afirmam que o contexto fonológico seguinte influencia a (não) ocorrência do processo em análise. Nessa perspectiva, alguns pesquisadores observam os grupos segmentais de acordo com o ponto e o modo de articulação para checar se haverá queda dos glides [j] e [w]. Ademais, alguns trabalhos ainda se voltam a observar se o contexto seguinte também poderia influenciar uma possível ditongação, como em ‘goustou’, por exemplo. Paiva (1996), em relação ao português falado no Rio de Janeiro, afirma que a monotongação do glide [j] ocorre em contextos específicos e, diferentemente, o ditongo [ow] sofre variação em todos os contextos fonológicos. Com base nessa afirmação, o processo de monotongação do [ow] é analisado, neste trabalho, por meio da observação do contexto fonológico seguinte, pela influência da oralidade na escrita - já que os falantes quase não produzem o [ow], sobretudo o ditongo em final de palavra - e, também, por influência do princípio do contorno obrigatório.

Entende-se como princípio do contorno obrigatório (OCP) a proibição de sequências adjacentes de unidades que tenham, em comum, uma característica idêntica nas representações fonológicas. No artigo escrito por Soares e Damulakis (2007, p. 243), a monotongação é explicada como “um efeito dissimilatório” derivado do princípio do contorno obrigatório. Para os autores, a monotongação [ow] > [o] ocorre por conta da contiguidade de elementos

Uma análise da monotongação do ditongo ‘ou’ em dados de escrita de alunos dos 6º e 9º anos do ensino fundamental

tautossilábicos com traços em comum, a saber o traço [labial]/[dorsal], como pode ser visto na imagem (5) abaixo:

(5) Contexto para atuação de OCP na redução [ow] > [o]



Fonte: Soares e Damulakis (2007)

Para os autores,

A redução [ow] > [o] é categórica, não importando o contexto seguinte: ‘touca’ [‘tokɐ], ‘poupa’ [‘popɐ], ‘louça’ [‘losɐ], por exemplo. A redução ocorre mesmo em final de palavra, como em ‘catou’ [ka‘to], ‘vou’ [‘vo], ‘sou’ [‘so], o que significa que a supressão do glide não leva em consideração o contexto seguinte, mas o contexto tautosilábico. Possivelmente a labialidade e talvez mesmo a dorsalidade dos segmentos /o/ e /w/ é o que determina a supressão do glide recuado.

Por mais que se esteja falando sobre o processo de aquisição da linguagem e sobre o processo de aquisição da escrita, os chamados “erros” ortográficos não ocorrem, somente, nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. Neste trabalho, são analisados exemplos de monotongação em escrita de alunos do 6º e 9º anos do Ensino Fundamental II, ou seja, anos iniciais e finais, respectivamente. Nas próximas seções, os exemplos serão melhor analisados; no entanto, antes de terminar esta, alguns exemplos retirados do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II são apresentados abaixo, a fim de exemplificação do que se discutiu até aqui. Nas imagens (6), (7), (8) e (9), é possível ver exemplos de monotongação das palavras “louco”, “roupas”, “ouro”, “rolou”, “passou”, “pegou” e “começou”.

(6) Conto escrito por aluno do 6º ano de uma escola pública do interior de São Paulo.

mesmo tendo medo de altura eu fiz essa viagem de
 férias
 No primeiro dia comi igual um cordeiro que
 nem latiguei .
 No segundo dia latiguei que nem um loco na
 espremedora .
 No terceiro dia conheci o ~~frat~~ Mikei
 e mini
 No quarto dia latiguei com o rato
 donald .
 no quinto dia fiquei só na montanha russa!
 E assim seguiu os dias
 Alexam e dia , e eu voltei pra casa .
 FIM

Fonte: TENANI, Luciani. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II.

(7) Relato de experiência escrito por aluno do 6º ano de uma escola pública do interior de São Paulo.

Eu queria ser muito rico, ter uma mansão uma
 limusine muitas ropas chic, e ser milionária
 e ter muitas garotas, e um tempo maravilhoso
 e uma grande quarto muito bonito repleto
 de ota elevador moderno mangão de dois
 andar

Fonte: TENANI, Luciani. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II.

(8) Narrativa de ficção escrita por aluno do 9º ano de uma escola pública do interior de São Paulo.

Uma análise da monotongação do ditongo 'ou' em dados de escrita de alunos dos 6º e 9º anos do ensino fundamental

Amor Proibido

Era uma uma menina chamada Carol, que ia sempre a igreja quase todos dias, pois no mês em que era época de Carnaval, sua igreja alugou uma chácara. Quando chegou, o dia era e mais os outros pessoas, foram para a chácara. Chegando lá, ela deu de olho em um menino que é irmão da moça que frequenta a igreja, não no irmão de outros. Na madrugada do 2º dia, conversa vai conversa vem, acabaram ficando próximos e no um beijo. No dia seguinte ficaram um tempinho juntos, mas até o último dia, foram somente 4 dias, eles ficaram no 2º, não no mais beijos somente relincho. Ele disse que era de Olímpia e falou

Fonte: TENANI, Luciani. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II.

(9) Relato de experiência escrito por aluno do 9º ano de uma escola pública do interior de São Paulo.

Um dia nos fomos fazer um trabalho eu e uma amiga nota né nos estávamos andando e para um carro e a nota amiga tinha meio na rua e para um pouco desta amiga e ela nos lutamos um susto e esta amiga pego e tempo e fala um monte depois que para tudo nos começamos a lembrar

Fonte: TENANI, Luciani. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II.

METODOLOGIA

Neste artigo, os dados ortográficos sob análise foram retirados do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, que é um banco constituído por 5.519 textos escritos por 662 alunos dos quatro últimos anos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e está disponível em <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. De acordo com o *website* do banco de dados, as redações foram escritas em uma oficina de textos que fez parte de um projeto de extensão (Desenvolvimento de oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção textual no Ensino Fundamental) da UNESP em parceria com uma escola pública do interior de São Paulo, Brasil.

No banco de dados em questão, é oferecido um recurso de busca para que se possa acessar os textos que mais se enquadram naquilo que o pesquisador está buscando. Sendo assim, o pesquisador pode escolher o ano escolar, gênero textual, sexo do aluno, entre outras possibilidades. Para este artigo, foram selecionados três diferentes gêneros textuais: relato de experiência, conto e narrativa de ficção. No levantamento de dados do 6º ano do Ensino Fundamental, foram analisados textos de alunos e alunas que escreveram relatos de experiência e

contos. Já no levantamento do 9º ano, os textos analisados foram de alunos e alunas que escreveram relatos de experiência e narrativas de ficção.

Nesse processo de levantamento de dados, em média, 660 redações foram lidas. No entanto, para uma melhor discussão dos dados, foram analisadas 75 cartas. Na análise dessas 75 cartas, o que foi levado em consideração para a análise, que será vista na próxima seção, foram os seguintes fatores: (a) embora o foco da análise seja a monotongação (“loco”), foi feito um levantamento de outras variáveis dependentes, a saber: ditongação (“dou outro”), mudança de representação da vogal núcleo (“dezejau”), mudança de representação do glide [w] (“vol”), queda da vogal núcleo (“falu”); (b) ano escolar (6º e 9º anos); (c) gênero textual (relato de experiência, conto e narrativa de ficção); (d) sexo (feminino e masculino); (e) posição do ditongo (medial ou final); (f) natureza da sílaba (tônica ou átona) e (g) contexto fonológico subsequente, a saber: (i) vogal /a e ε i o ou/; (ii) oclusivas bilábias /p b/; (iii) oclusivas alveolares /t d/; (iv) oclusivas velares /k g/; (v) fricativas labiais /f v/; (vi) fricativas alveolares /s z/; (vii) fricativas/fricadas palatais /ʃʒ/; (viii) nasais /m n/; (ix) líquida lateral /l/; (x) líquida não lateral /r/ e (xi) contexto de pausa subsequente.

ANÁLISE DOS DADOS

Como visto nas imagens (6) a (9) acima, vê-se que [ow] se trata de um grupo vocálico que pode ser considerado complicado aos aprendizes. Como constatam Paiva (1996) e outros estudiosos da área, o ditongo [ow] vem perdendo valor distintivo em quase todos os dialetos do português, o que, mais uma vez, segundo Bisol (1989), seria esse o motivo de considerá-lo como ditongo pesado ou falso.

Com os dados analisados neste trabalho, é possível perceber que o processo da monotongação de [ow] não fica restrito, somente, aos alunos que estão sendo alfabetizados, pois as redações aqui analisadas mostram a queda do “u” medial e final em redações de alunos de idades diferentes e, além disso, dados em contextos fonológicos diversificados.

Nas redações lidas no processo de levantamento de dados e de análise, conforme afirma Adamoli (2006), é possível ver que a grafia do ditongo [ow] é uma das que mais oferecem dificuldade para os aprendizes e, neste artigo, chega-se à conclusão de que esta não é apenas uma dificuldade de crianças na fase da aquisição da escrita, mas também de pré-adolescentes e adolescentes no Ensino Fundamental II. Isso pode ser exemplificado no exemplo (10) abaixo que se trata de um conto escrito por um aluno do 6º ano.

Uma análise da monotongação do ditongo ‘ou’ em dados de escrita de alunos dos 6º e 9º anos do ensino fundamental

(10)

Era uma vez. Num tempo muito parecido
 com eu ganhei uma viagem para ir ao
 Disney. Eu A, com tudo pago!
 Eu tinha direito a um acompanhante,
 claro eu ia levar o meu irmão que se
 chama Matheus.
 Foi quando fomos de volta para ir a o
 passeio.
 Mas a minha mãe ela não deixou eu
 e meu irmão ir ao passeio porque eu
 e meu irmão agente não muito pequenos
 e não tem idade para ir ao passeio.
 Mas aí eu, Matheus e ela deixou.
 Foi um dia e tanto eu queria tirar
 fotos com a com a minha personagem
 favorita!
 Foi o dia mais legal da minha vi-
 da.
 fim

Fonte: TENANI, Luciani. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II.

No exemplo acima, é possível ver a ocorrência da mesma palavra “deixou” sendo grafada de duas maneiras diferentes, o que pode revelar uma incerteza do aluno em relação à realização ou não do glide. Essa incerteza do aprendiz quanto ao uso do ditongo [ow] na representação escrita pode, também, ser vista na imagem (11), quando o aluno montonga o glide em “chamo” e, logo em seguida, escreve “perguntou” - com a realização do glide.

(11)

Minha amiga é legal, gentil, amigona, me ajuda
 em algumas coisas, como eu também ajudo ela.
 Eu conheço minha amiga (Suzete) a três anos.
 Eu estava em casa com minha mãe e minha
 irmã, minha mãe me pediu que eu fosse no mercado,
 eu sai de casa e vi um caminhão de mudancas
 que estava parado do lado de (muito) minha casa,
 aí uma pessoa saiu da casa que na aquele
 momento seria meu novo vizinho, fui no mer-
 cado e ela me chama e me perguntou na
 (onde) onde era o mercado, eu disse a ela que
 eu estava indo a o mercado, e ela me disse
 que estava precisando ir a o mercado, e eu
 falei pra ela vama comigo, ela falou vama.

Fonte: TENANI, Luciani. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II.

Um dos fatores que já foram discutidos até aqui, mas que é válido olhar para os exemplos, inclusive as imagens (10) e (11) apresentadas acima, é a questão dos contextos fonológicos subsequentes. Ao observar, por exemplo, a figura (10), percebe-se que ora o aluno escreve o glide, ora não. Olhando para o contexto fonológico seguinte, pode-se perceber que a realização do glide ocorreu quando se tinha uma vogal /e/ subsequente e, em contrapartida, a não realização ocorreu em contexto de pausa subsequente. No entanto, como já afirmado no trabalho, muitos estudos da área da fonologia têm mostrado que o ditongo [ow] passa pelo processo de monotongação independentemente do contexto fonológico no qual está inserido - diferentemente dos ditongos [ej] e [aj] que são monotongados em contextos mais específicos. Tal constatação sobre o ditongo [ow] pode ser vista no exemplo (9) em que as palavras que passaram pelo processo de monotongação do ditongo final apresentam contextos fonológicos subsequentes bem diferentes, a saber: vogal /u/, oclusiva bilabial /p/, vogal /e/, vogal /a/ e oclusiva alveolar /t/, respectivamente.

Além do exemplo (9), tal afirmação pode ser comprovada com os exemplos (12) e (13) abaixo que apresentam exemplos de monotongação em ditongo [ow] medial com o mesmo contexto fonológico, ou seja, diante de uma líquida não lateral /r/.

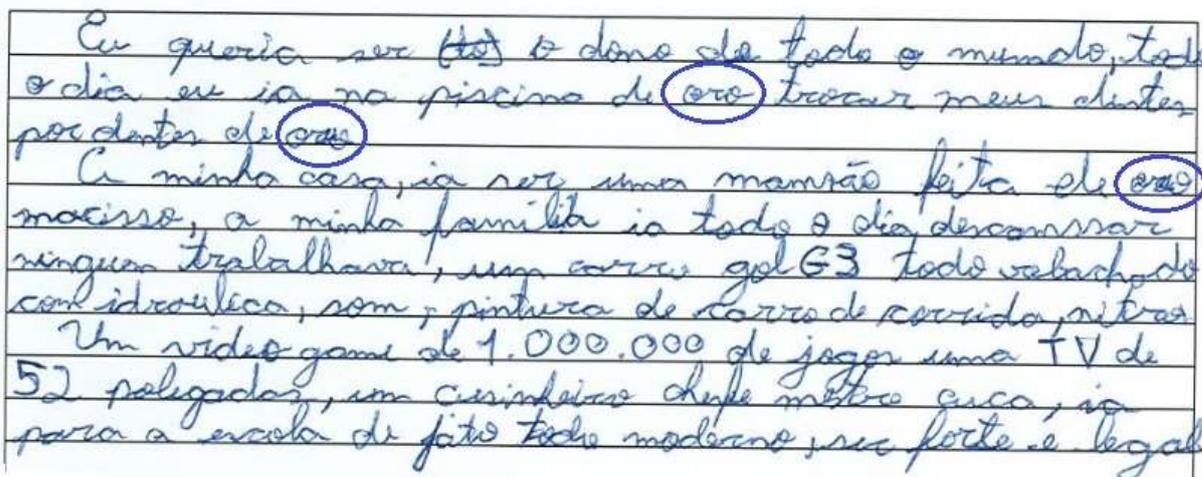
(12)

Se eu tivesse: visto um pouco dos desejos eu tinha pedido um celular, um MP5, uma bola de futebol porque a minha cachorra estorou, uma bicicleta com macha, ter minha casa própria no Rio de Janeiro com piscina, e a minha profissão é ser professora ou cozinheira, ter um carro. E quando eu crescer quero ter um marido muito bonito e apenas 2 filhos um menino e uma menina de preferência dos olhos azuis como eu. Quero me casar com 21 anos e levar minha família toda para morar comigo.

Fonte: TENANI, Luciani. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II.

Uma análise da monotongação do ditongo 'ou' em dados de escrita de alunos dos 6º e 9º anos do ensino fundamental

(13)



Fonte: TENANI, Luciani. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II.

Após a discussão feita até o momento, pode-se migrar para uma análise mais quantitativa em relação às 75 cartas analisadas com base nos fatores estabelecidos previamente e já apresentados na seção “Metodologia”.

Em relação às variáveis dependentes, constata-se que o maior número de ocorrência realmente foi a monotongação do ditongo [ow], com um total de 28 ocorrências nos textos do 6º ano e 63 ocorrências nos textos do 9º ano. Esses dados reafirmam que o processo da monotongação já é categórico na escrita, independentemente da idade.

(14) Ocorrências das variáveis dependentes por ano escolar

	Ditongação	Mudança de representação do glide	Monotongação	Queda da vogal núcleo	Mudança de representação da vogal núcleo	Total geral:
6º ano:	0	8	28	0	1	37
9º ano:	1	4	63	1	2	71
Total geral:	1	12	91	1	3	108

Fonte: Elaboração própria

Tendo como base os contextos fonológicos seguintes, os que mais se mostraram produtivos como facilitadores de monotongação foram os seguintes: vogal /e/, vogal /a/ e oclusiva bilabial /p/. No entanto, é possível notar que, se comparada às outras variáveis dependentes, a monotongação é a que apresenta a maior variedade de contextos fonológicos subsequentes que possibilitam a queda do glide.

Cadernos do NEMP, n. 7, v. 13, 2022, p. 49-64.

(15) Análise dos contextos fonológicos subsequentes

	Ditongação	Mudança de representação do glide	Monotongação	Queda da vogal núcleo	Mudança de representação da vogal núcleo	Total geral:
/f/	0	2	3	0	0	5
/v/	0	1	1	0	0	2
/l/	0	1	0	0	0	1
/r/	0	0	5	0	0	5
/m/	0	1	2	0	1	4
/n/	0	1	6	0	0	7
/d/	0	1	2	0	0	3
/t/	0	1	4	0	0	5
/b/	0	0	6	0	0	6
/p/	0	1	11	0	0	12
/g/	0	0	1	0	0	1
/k/	0	0	10	0	1	11
pausa	0	0	7	1	0	8
/a/	0	1	11	0	0	12
/e/	0	1	13	0	0	14
/o/	1	0	2	0	0	3
/u/	0	1	7	0	1	9
Total:	1	12	91	1	3	108

Fonte: Elaboração própria

Em relação ao sexo dos participantes, observa-se que os dados de sexo feminino foram mais expressivos do que os de sexo masculino, como pode ser visto na tabela abaixo:

Uma análise da monotongação do ditongo 'ou' em dados de escrita de alunos dos 6º e 9º anos do ensino fundamental

(16) Análise da monotongação em dados dos alunos de sexo masculino vs. sexo feminino

	Ditongação	Mudança de representação do glide	Monotongação	Queda da vogal núcleo	Mudança de representação da vogal núcleo	Total geral:
F	1	5	48	0	2	56
M	0	7	43	1	1	52
Total geral:	1	12	91	1	3	108

Fonte: Elaboração própria

Na análise da monotongação em ditongos mediais e finais, percebeu-se que o processo de queda do glide foi mais produtivo na posição final:

(17) Análise da monotongação em dados de ditongos finais vs. ditongos mediais

	Ditongação	Mudança de representação do glide	Monotongação	Queda da vogal núcleo	Mudança de representação da vogal núcleo	Total geral:
final	1	12	72	1	3	89
medial	0	0	19	0	0	19
Total geral:	1	12	91	1	3	108

Fonte: Elaboração própria

Por último, mas não menos importante, constatou-se que a monotongação ocorreu bem mais em sílabas tônicas do que em sílabas átonas, como se pode ver a seguir:

(18) Análise da monotongação em sílabas átonas vs. sílabas tônicas

	Ditongação	Mudança de representação do glide	Monotongação	Queda da vogal núcleo	Mudança de representação da vogal núcleo	Total geral:
átonas	1	0	5	0	0	6
tônicas	0	12	86	1	3	102
Total geral:	1	12	91	1	3	108

Fonte: Elaboração própria

CONCLUSÃO

Com base na análise feita neste trabalho e, também, na revisão de literatura, chega-se à conclusão de que a monotongação apresenta um caráter categórico tanto na oralidade quanto na escrita. Seja pela influência da oralidade (*input*), do princípio do contorno obrigatório, pelos diferentes contextos fonológicos subsequentes, da comparação da gramática da língua desenvolvida no processo de aquisição da linguagem com as convenções da escrita aprendidas na escola, pode-se afirmar que a queda do glide do ditongo [ow] está se tornando cada vez mais comum na língua portuguesa. Diferentemente de alguns dados analisados em outros trabalhos da área, os dados deste artigo mostraram a monotongação ocorrendo de forma mais expressiva em dados de alunos do sexo feminino e, além disso, a maior ocorrência da monotongação ocorrendo em textos do 9º ano, série final do Ensino Fundamental II.

Como afirma Adamoli (2010) e se reitera aqui, os desvios de ortografia do ditongo variável [ow] não representam a falta de conhecimento do aluno em relação à língua materna. Pelo contrário, o aprendiz, mesmo que cometendo algum “erro” de grafia, realiza algo que é previsto, ou seja, possível na estrutura fonológica da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques (1988). *The interplay between spontaneous writing and underlying linguistic representation*. European Journal of Psychology Education, v III, 4o, 415-430.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques (1991). *Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita*. Anais do II Encontro sobre Aquisição de Linguagem. Porto Alegre : PUCRS

ADAMOLI, Marco Antônio. *Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, UFPel, Pelotas 2006.

ADAMOLI, Marco Antônio. *As diferentes grafias dos ditongos variáveis em textos de escrita inicial*. Pelotas: Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel, p. 303 - 322, 2010.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, vol. 5, n. 2, p. 185 - 224, 1989.

BISOL, Leda. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, v. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994.

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. v.VII. Campinas: Unicamp, 1999.

BISOL, Leda. (1996) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para um estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

Uma análise da monotongação do ditongo 'ou' em dados de escrita de alunos dos 6º e 9º anos do ensino fundamental

BISOL, Leda. *Dicionário de linguística e gramática*. 8.ed., Petrópolis: Vozes, 1978.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. (Trad. MEIRELLES, J. A.; RAPOSO, E. P.). 2. ed. Coimbra: Arménio Amado, 1978.

CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). *Aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2011.

LEVELT, C. C. & VAN DER VIJER, R. The Acquisition of Syllable Types in Cross linguistic and Developmental Grammars. In: R. Kager, J. Pater & W. Zonneveld (eds.) *Constraints in Phonological Acquisition*, Cambridge University Press, 2004.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco; MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. *A aquisição da Fala e da Escrita: relações com a Fonologia*. Pelotas: Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel, p. 359 - 405, 2010.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. *A FONOLOGIA EM DADOS DE ESCRITA INICIAL DE CRIANÇAS BRASILEIRAS*. *Linguística* / Vol. 30 (2), p. 45 - 80, 2014.

PAIVA, M. C. A. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M & SCHERRE, M.M.P. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SOARES, M. Facó. & DAMULAKIS, G. N. *Do Princípio do Contorno Obrigatório e línguas faladas no Brasil*. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 229-252, jul./dez. 2007

TENANI, Luciani. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>

TENANI, Luciani Ester; VALÊNCIO, Carlos Roberto; SCARPELINI NETO, Paulo; KAWABATA, Thatiane. BR 51 2015 000035-7, 2014.

AN ANALYSIS OF MONOTONGATION OF THE 'OU' DIPHTONGS IN DATA FROM THE STUDENTS' COMPOSITIONS IN ELEMENTARY SCHOOLS

ABSTRACT: *In this article, we propose a preliminary analysis of the process of monotongation of the medial and final oral diphthong 'ou'. Thus, the aim is to discuss the possible interference of speech in writing through the process of monotongation of the diphthong [ow] ~ [o]. For this reason, it is necessary to review the literature on language acquisition (CHOMSKY, 1978), (LAMPRECHT, 2011); acquisition of speech and writing (MIRANDA & MATZENAUER, 2010), (MIRANDA, 2014); acquisition of oral diphthongs (ADAMOLI, 2006, 2010), (ADAMOLI & MIRANDA, 2009) and syllable structure (BISOL, 1996, 1999). For a better discussion of the data, 75 letters from the Elementary School Writing Database were analyzed, available at: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Based on the selected and analyzed letters, the occurrences of the monotongation of the diphthong [ow] ~ [o] were discussed emphatically in data found in texts of different textual genres (experience report, short story and fiction narrative).*

KEYWORDS: *monotongation; orality and writing; decreasing diphthongs.*

Cadernos do NEMP, n. 7, v. 13, 2022, p. 49-64.

Data: 15 de março de 2022.